

«Seria talvez deslocado, ao terminar do seculo, e com certeza paradoxal, pretender que o uso de uma lingua universal tornasse intelligiveis aos povos, em suas mutuas relações, as palavras de justiça e de paz. Mas, sem exagerar a importancia desta reforma, licito é assegurar que ella trará consideravel simplificação ás relações commerciaes e scientificas. E' verdadeiramente digna de tentar os esforços dos homens de iniciativa. Será uma realidade si soubermos pôr em pratica duas virtudes que fazem victoriosas as idéas justas: a vontade e a perseverança.»

Dr. João Monteiro

Discurso pronunciado pelo lente Cathedratico Dr. Frederico Abranches, na Faculdade de Direito de S. Paulo, a 8 de Dezembro de 1901, por occasião da collação do grau e offerta do busto do Barão do Rio Branco á mesma Faculdade.

(O orador é recebido com uma salva de palmas.)

Minhas Senhoras:

Meus Senhores:

Em carta que me fôra endereçada de Berna, o collega e amigo dr. José Maria da Silva Paranhos, actual Barão do Rio Branco, incumbiu-me de represental-o nesta festa.

Jámais assoberbou-me tanto a consciencia da escassez de dotes intellectuaes como na presente conjunctura.

A solemnidade do momento, as pompas da palavra dos oradores que me procederam, esta mocidade cheia

de vida e talento, grupada em torno do decano da Faculdade, que representa as gloriosas conquistas do passado, como ella é a depositaria das mais caras esperanças do futuro; o escól da sociedade paulistana, que vejo reunido neste recinto e, finalmente, a presença do primeiro magistrado do Estado, que dentro em pouco irá occupar com brilho para seu nome e glória para nossa terra a cuspide do governo do paiz — tudo isto me convence de que, substituir neste momento o Barão do Rio Branco, é tarefa superior ás minhas forças.

E nem eu precisava de mais esta lição para saber que os Patrocolos estremecem quando cingem a armadura dos Achilles.

Demais:

Ao receber o gracioso convite todo um mundo de recordações se apossou de minha imaginação e as reminiscencias da juventude attrahiram-me como as miragens do deserto ao caminheiro que atravessa o Sahara.

Perpassei a vida academica de outr'ora tão cheia de peripecias e de encantos — senti as pulsações da alegria e os pungimentos da saudade nos anceios do coração — do coração que, si é o primeiro que vive é tambem o ultimo que fallece.

Revi S. Paulo, recostado como ainda agora, sobre uma collina verde-pecego, com a fronte toucada de um cento de nuvens, matizada de azul e branco, e ataviada das louçanias fagueiras de uma atmosphera tão pura como a que cercava os guerreiros de Ossian.

A cidade não era tão crescida como hoje, a civilização não transudava tão a poros abertos, o bulicio era menor e como que estacava por vezes, para dar logar a uma morbida quietação profundamente poetica e de desmesurado enlevo.

Parece-me ouvir ainda o murmurio das aguas em que banha os pés, o canto sonóro do passaredo que saltitava nos vergeis e até os sons mellifluos da flauta

casando-se com as notas do violão nas alegres serenatas, cujas harmonias arrebatadoras perdiam-se no espaço por entre a luz de prata das noites de esplêndido luar

Os habitos, os costumes, a locução, tudo era mais da terra; havia uma individualidade entretecida de ressaibos do character da antiga metropole e da Hespanha, como sôe acontecer nas circumscripções territoriaes do sul.

Sim! Tenho saudades desses tempos que me relembram o convívio de companheiros que juntos faziamos a mesma campãha, que commigo bivacaram na mesma tenda, e que, um a um, vão succumbindo nas labutas escabrosas da existencia.

E' que a saudade, a mais bella e odorosa flor do jardim do passado, semelha-se ao livro da vida, o livro supremo, que não podemos fechar nem abrir á nossa vontade. Nelle não se lê mais que uma vez a pagina adorada, a folha volta-se por si mesma; procuramos ainda a pagina do amor e deparamos sob os dedos a pagina da dor!

Tal era, senhores, o S. Paulo de então, o meio em que vinha desabrochar o talento ainda em botão, mas que cedo presagiava a corôa civica que ora cinge a fronte de Silva Paranhos.

E seja-me licito dizel-o.

Não tem applicação entre nós o que escreveu na Inglaterra um contemporaneo de Pitt e Fox, depois que elles falleceram: « Ficamos com pygmeus, que conhecemos como taes, porque os comparamos com gigantes. »

Herdeiro de um nome que fulgura no céu d'America como um astro de primeira grandeza — que nós os brasileiros pronunciamos com reverencia e acatamento e toda uma raça repete santamente como o do precursor de sua libertação, Silva Paranhos, após seu brilhante curso academico, arremessou-se aos azares da politica, filiando-se ao partido que seu venerando pae

chefiava com o saber de um Guizot e o tino de um Chatham.

Era então a politica a liça em que se agitavam todas as paixões—o theatro das nossas pugnas heroicas. Os homens da primeira plana nella iam conquistar os seus brazões de nobreza. travando certamens herculeos, dignos dos guerreiros de Homero.

Fazendo suas primeiras armas, Silva Paranhos revelou desde o inicio aptidões inapreciaveis, predicados excepçionaes, e foi de logo sagrado cavalleiro.

Não era uma mediocridade sôrna que se alpardava á sombra de um grande nome para guindar-se ás elevadas posições sociaes.

Não.

Era um combatente valoroso que frangia os liames do casulo que o envolvia e, pelejando denodadamente, alava-se nas azas do talento ao Olympto dos deuses da sua Patria.

Comprehende-se que eu não venho fazer a biographia do eminente brasileiro, cujos feitos a — Commissão Paulista — com tamanha alacridade neste momento commemora.

Desejo apenas compulsar algumas paginas dessa sublime epopéa, digna do cantor d'Illion, lembrar alguns traços daquella Iliade de dôr e de lagrymas que se chamou—Escravidão.

Não é sinão com asco que me approximo da chaga horrenda, que maculára durante seculos as paginas da nossa historia.

Nós a tivemos, como a tinham tido todos os povos.

As aspirações do paiz inteiro, as mais bem engendradas combinações dos nossos homens de governo e até as inequívocas manifestações do proprio throno—tudo fracassava no antemural das conveniencias do Estado—e a instituição maldita ostentava-se ovante, la-deada de seu cortejo de horrores.

Nunca pareceu mais incontroverso o asserto de Hobbes:

Homo homini lupus.

E o escravo, o ente desgraçado a quem já o povo romano havia segregado do gremio da humanidade, extorquindo-lhe os attributos de razão e liberdade, não era um homem—era uma cousa—menos que uma cousa—era uma sombra.

Dir-se-ia que a própria providencia, nos seus imprescrutaveis decretos, tinha predestinado aquella raça para o martyrio—tingindo-lhe a pelle de preto—cobrindo-lhe as carnes de lucto!

Um dia porém, a batalha empenhou-se renhida, tenaz, encarniçada, rancorosa mesmo. Subito, entre os combatentes emergiu um vulto grandioso ad-instar desses relampagos que rasgam a escuridão em noite de tempestade—Versingetori pelo patriotismo—Spartaco pelo sentimento—Cicero pela palavra.

E naquella attitude magestosa com que os Phidias esculpiam no marmore as divindades da Grecia antiga—bradou ao eterno Ahsavérus.—Parae!

E a escravidão parou.

A fonte estava estancada; não mais nascia-se escravo sob a luz desse cruzeiro brilhante que Deus collocára no azul do céu que nos cobre.

E esse homem que naquelle dia se tornára maior ainda que sua Patria—tão grande como o mundo—chamava-se José Maria da Silva Paranhos—Visconde do Rio Branco.

Mas que alegria, que prazer intenso não inundaria a alma do notavel estadista nas horas do triumpho e até nos momentos de amargor, ao ver a seu lado, como um fidus Achates, preso pelo mesmo pensamento, pugnando pela mesma ideia, o filho querido, vigorosa vergonhea de tão illustre stirpe, que pela tribuna e pela penna, na camara dos deputados e na imprensa

jornalística, seguia intrepido as pégadas de seu benemerito progenitor?

Justa compensação daquella lucta de titães!

Eis, senhores, em escorço, a escola em que se formou o espirito do futuro servidor do paiz; a officina em que foi lapidado o seu talento de primor.

Preparado pelo estudo, avigorado pelo exemplo, Silva Paranhos, após o triumpho da grande causa, encetou a carreira da diplomacia em que estava destinado a prestar assignaladissimos serviços á sua Patria.

Foi ahi que o encontrou o advento da Republica.

Uma questão secular havia feito vibrar as fibras mais reconditas do patriotismo nacional, movimentado por um accôrdo desastroso.

Erguera-se um brado unisono de norte a sul, do pobre ao rico, do simples tugurio ao palacio opulento, do povo ao congresso da nação—por toda parte se auscultava o coração da Patria que, célere, palpitava de indignação e de vergonha.

As insignias da Republica foram cobertas de crepe.

Alguem, confiado no prestigio de ter sido um dos fundadores das novas instituições e na popularidade que dahi lhe tinha advindo, se esquecera de que os affectos das turbas offerecem não pequena semelhança com os da lasciva fada dos contos Arabes, que, ao findar os dias da sua ternura, não se contentava de expulsar os seus amantes, mas condemnava-os a espiarem em crueis supplicios o crime de lhe terem agradado.

E' que ha alguma cousa de terrivel no sagrado amor da patria; elle é de tal modo exclusivo, que immola tudo, sem piedade, sem espanto, sem respeito humano, ao interesse publico.

Precepita Manlius, arrasta Regulus a Carthago, lança Curcius num abysmo e põe Marat no Pantheon!

Affecto o litigio a arbitramento pelas nações contendoras, foi Silva Paranhos encarregado pelo governo

de advogar a nossa causa perante o arbitro — os Estados-Unidos do Norte. Como desempenhou-se da ingente e delicada missão que lhe fôra commettida, dil-o o paiz inteiro levantando um brado parenetico ao laudo de 1895, data memoravel que o barão do Rio Branco burilára em lettras de ouro nos fastos da diplomacia brasileira.

E as Missões—essa contenda de seculos em que havia fracassado o genio dos grandes estadistas do imperio, foi resolvida com gloria, julgada com honra para nossa terra.

Apenas dissipada esta nuvem negra que obumbrava o horizonte pelo lado do sul, surge em o norte a celebre questão das nossas fronteiras com a Guyana Franzeza — o mysterioso paiz do—El-dorado—cujo historico não me é dado detalhar neste momento, pendencia não menos momentosa que a das Missões, porém tão complicada e antiga como ella.

A nação unanime indigitou Rio Branco para pleitear a nossa causa ante a Confederação Helvetica—e mais uma vez o anjo da victoria sagrou o nosso direito. A data de 1900 foi justapôr-se á de 1895 constituindo um distico glorioso que aureola a frente do heróe cujo nome é para o Brasil uma bandeira, a bandeira dos triumphos internacionaes.

Razão, pois, teve a Commissão Paulista, interpretando os sentimentos do povo brasileiro, de fazer esculpir no marmore o busto de Silva Paranhos, como a gratidão nacional já fizera mandando levantar em uma das praças da Capital Federal a estatua de seu venerando pae—o Visconde do Rio Branco.

E razão teve ainda de escolher o dia do hoje e designar este templo da Sciencia para confiar-lhe tão precioso deposito.

Sim! foi aqui a grande officina da intelligencia, onde se lapidaram os mais bellos diamantes que ornamen-

tam a galeria dos estadistas do Imperio e da Republica.

E' aqui o Areopago da mocidade, essa primavera da vida, esse enorme coração aberto a tudo quanto é grande, a tudo que se distingue—ambula sagrada onde se concentram, se concatenam todas as nobres aspirações do porvir—o porvir do Brasil!

Não ha muito, em uma peça judiciaria, repassada de eloquencia equipavel á da idade de ouro do *forum* romano, Ruy Barbosa falava do *sino da Liberdade*, que se fendêra ao tanger pela morte do grande juiz Marchall.

A lenda allemã figura um outro bronze sagrado que se conservou mudo enquanto durou a tyrannia de um soberano apostata e cruel, para depois, por si só, no proprio instante do passamento do desposta, dobrar conclamando os subditos perseguidos a nova de sua libertação.

Pois bem: no dia em que se extinguir este facho de luz que se chama — Faculdade de Direito — e cerrarem-se estas portas por onde, como na estrada de Damasco, entram os Saulos e saem os Paulos, nesse dia emudeçam os nossos sinos, ou antes, tanjam o dobre dos finados porque é o esquife da Sciencia que passa.

Mais algumas palavras — e ellas serão dirigidas especialmente aos membros da Commissão Paulista e a todos aquelles que concorreram para o busto que inauguramos.

Refere Tourguenef, o mimoso poeta russo, em um de seus bellos contos:

Um dia o bom Deus teve a lembrança de dar uma festa no seu palacio de azul e ouro. Foram convidadas as virtudes, mas sô as virtudes. Todas compareceram, mostravam-se muito contentes, conversavam amistosamente umas com as outras. Porém o bom Deus repa-

rou que duas dellas pareciam não se conhecer e, então, tomou uma pela mão e foi apresental-a a outra.

—A Beneficencia—disse elle indicando a primeira.

—A Gratidão—acrescentou designando a segunda.

As duas virtudes olharam-se visivelmente surprehendidas.

Desde que o mundo é mundo era a primeira vez que se encontravam.

Consenti que entre as excepções eu abra uma ao barão do Rio Branco, que por meu intermedio, lamenta não poder externar-vos a immensalidade de sua gratidão.

Acceitai-a como um eterno penhor daquella alma de escolha, daquelle nobre coração.

Agora dirijo-me a vós jovens, que acabaes de receber o premio de vossos esforços, de vossos estudos, de vossos trabalhos, justo galardão que em nome da sciencia esta Faculdade vos conferiu.

Eu ousou repetir com Castellar, escutae, quiçá pela ultima vez, um velho a quem os velhos escutavam quando era moço.

Ide sahir da atmosphera dos sonhos e penetrar no mundo das realidades; deixar a vida alegre e despreoccupada do estudante para vestir a toga inconsutil de Pomponio

Attentae para a vereda a percorrer—ella está inçada de urzes—são os espinhos da vida publica.

Quando Demosthenes seguiu caminho do exilio, dizia aos jovens que com elle se entretinham em Tresséne—«Si no principio da minha vida tivessem-me apresentado duas estradas—a da tribuna e a de uma morte certa, e eu pudesse prever todos os males que me aguardavam no governo—os ciumes, as intrigas, as caluminas, eu ter-me-ia lançado de cabeça baixa na estrada da morte.»

Ide meus jovens amigos: vós sereis recebidos de braços abertos, como um sangue novo que se vai ino-

cular nas veias do paiz depauperado para reanimalo nas horas de desconforto. Advogado ou juiz, no *forum* ou no lar da familia, qualquer que seja a carreira a que vos consagreis, tende o maximo cuidado em observardes fielmente os vossos deveres de cidadão. Não vos esqueçaes de que um povo só é grande quando é feliz, só é feliz quando é livre e só é livre quando guarda illesa a consciencia de si mesmo, e crê na Patria que é sua mãe, e em Deus que é sua alma.

O sol que nos illumina não ha Josués que o façam parar, porque é o sol da liberdade!

Ao dar-vos o meu amplexo de despedida — ao dizer-vos o meu darradeiro adeus — faço os mais ardentes votos para que a luz desse sol vos guie na longa estrada que se abre a vossos passos, avivando sempre em vossa memoria aquella maxima do sabio do Oriente:

«O grande segredo da vida humana consiste em ter fé e saber esperar»

(Palmas prolongadas e applausos.)

MEDICINA PUBLICA

Docimasia femuro-epiphysaria

Todas as vezes que se puder provar que um feto nasceu a termo, vivo e respirou, os meios empregados para *essa prova* são conhecidos em medicina judiciaria sob o nome de «docimasia.»

Muitas tem sido as docimasias praticadas para esse fim desde os tempos mais remotos, cabendo á—pulmonar hydrostatica de Galeno—a superioridade entre todas as outras, não obstante as objecções levantadas contra ella.